

# Linguística, letras e artes:

Limitações e limites

**Stela Maris da Silva  
(Organizadora)**

**Atena**  
Editora  
Ano 2021

# Linguística, letras e artes:

Limitações e limites

**Stela Maris da Silva  
(Organizadora)**

**Atena**  
Editora  
Ano 2021

### **Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes editoriais**

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto gráfico**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da capa**

iStock

### **Edição de arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

*Open access publication* by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

## Linguística, letras e artes: limitações e limites

**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadora:** Stela Maris da Silva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755	Linguística, letras e artes: limitações e limites / Organizadora Stela Maris da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5983-350-4 DOI: <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.504212907">https://doi.org/10.22533/at.ed.504212907</a>  1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Silva, Stela Maris da (Organizadora). II. Título.  CDD 410
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

“A ponte não é de concreto, não é de ferro

Não é de cimento

A ponte é até onde vai o meu pensamento

A ponte não é para ir nem pra(*sic*) voltar

A ponte é somente pra atravessar

Caminhar sobre as águas desse momento”

(Lenine – A Ponte – CD *O dia em que faremos contato*, 1997)

Este livro está organizado em torno do título “*Linguística, Letras e Artes: Limitações e Limites*”. Limitações e limites possíveis de serem ultrapassados pois, objetiva apontar pistas, dar fios, ou ainda estabelecer pontes para desatualizar o presente, fazer a crítica deste, e ao mesmo tempo atualiza-lo. Os textos apresentam teorias e práticas resultantes do trabalho de elaboração de pesquisadores que fazem de seus escritos, condições de possibilidade de testemunhar um certo presente. A atualização norteia a ideia central das pesquisas, pois são contribuições de múltiplos olhares para as artes, filosofia, as letras e literatura, e para determinadas práticas educativas. São textos com abordagens, olhares distintos, passando pela contemporaneidade da arte de Lygia Clark, com ênfase racionalista e o ultrapassar do limite do campo de trabalho ao da prática terapêutica, à concepção de arte em Platão com uma discussão sobre a concepção de arte, as relações da arte com a ética, a partir da análise de diálogos platônicos. Outros dois trabalhos, abordando aspectos históricos, tratam das residências artísticas desde a antiguidade grega até a modernidade, e sobre a análise musical tipificada, interpretativa e comparativa das *Brasilianas IV e V para piano* do compositor brasileiro Radamés Gnattali. Permeando as reflexões entre arte e filosofia o seguinte artigo apresenta relações da *parresía* cínica grega e a arte de Manet. Ultrapassando os limites com diferentes abordagens nas letras, o tema dicotômico identidade/alteridade presente no conto *Espelho meu*, é apresentado, bem como a reflexão sobre as concepções de algumas obras de gramática normativa, a descritiva e internalizada. Nessa linha de análise, outro estudo mostra o conceito de gramática na obra *Gramática da língua portuguesa* (1540) de João de Barros para investigar o vínculo do pensamento linguístico do autor. Com o objetivo de mapear a criação da teoria semiótica em suas variadas vertentes, o texto seguinte apresenta rastreamento dos teóricos que contribuíram na construção dessa teoria. As práticas e seus limites a serem ultrapassados, são apresentados nos trabalhos de pesquisa com estudantes. Através da prática produção textual, uma das pesquisas analisa a relação de alunos do ensino médio técnico com a escrita. Outro estudo objetiva a análise do conto argentino *El Chico Sucio* (2017) para o estudo das características dos gêneros novela negra e novela policial. Na sequência há um

projeto de leitura com alunos 9º ano do E.F. II, que analisa contos de mistério, explorando o exercício de levantar hipóteses. Considerando que a ultrapassagem de limites também se faz com a formação de professores, e com bons materiais didáticos, os dois últimos artigos tratam disso. Um busca responder à questão de como estão as práticas em relação ao ensino aprendizagem de leitura, na perspectiva discursiva em um curso de Letras; e o outro tem o objetivo de comparar a temática sobre “equação do 1º grau” apresentada em capítulos de livros didáticos do nível fundamental, com enfoque nas práticas sociais contribuindo para a evolução do ensino de matemática.

Boa leitura e atualizações!

Stela Maris da Silva

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A ARTE DE LYGIA CLARK	
Wellington Cesário	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129071">https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129071</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>10</b>
A IDEIA DE ARTE EM PLATÃO	
Lilian Cristina Barata Pereira Nascimento	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129072">https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129072</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>29</b>
DELINEAMENTO PARA POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES ENTRE O DESLOCAMENTO NA GRÉCIA ANTIGA E NAS RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS	
Carollina Rodrigues Ramos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129073">https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129073</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>45</b>
BRASILIANAS IV E V PARA PIANO DE RADAMÉS GNATTALI: UMA ANÁLISE MUSICAL TIPIFICADA, INTERPRETATIVA E COMPARATIVA	
Felipe Aparecido de Mello	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129074">https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129074</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>59</b>
UMA POSSIBILIDADE DE RELAÇÃO ENTRE ÉTICA-ESTÉTICA: <i>PARRESÍA</i> CÍNICA, ARTE, UM “OUTRO OLHAR”	
Stela Maris da Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129075">https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129075</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>73</b>
IDENTIDADE E ALTERIDADE EM <i>ESPELHO MEU</i>	
Wilson Ferreira Barbosa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129076">https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129076</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>85</b>
REFLEXÕES SOBRE AS GRAMÁTICAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA: NORMATIVA, DESCRITIVA E INTERNALIZADA	
Jéssica Duarte de Souza	
Camila de Araújo Beraldo Ludovice	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129077">https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129077</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>98</b>
O CONCEITO DE GRAMÁTICA NA OBRA DE JOÃO DE BARROS (1540) À LUZ DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA	
Leonardo Ferreira Kaltner	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129078">https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129078</a>	

<b>CAPÍTULO 9.....</b>	<b>107</b>
RASTREANDO AS TEORIAS SEMIÓTICAS: UM PROJETO DE ESTRATÉGIAS TÉCNICO-PEDAGÓGICAS	
Darcilia Simões	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129079">https://doi.org/10.22533/at.ed.5042129079</a>	
<b>CAPÍTULO 10.....</b>	<b>132</b>
A PRODUÇÃO TEXTUAL: EXPERIÊNCIAS DE CORREÇÃO E REVISÃO ORIENTADAS	
Neide Biodere	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.50421290710">https://doi.org/10.22533/at.ed.50421290710</a>	
<b>CAPÍTULO 11.....</b>	<b>145</b>
VIOLÊNCIA E HUMANIZAÇÃO EM <i>EL CHICO SUCIO</i> : UMA PROPOSTA PARA O ENSINO MÉDIO	
Murilo Roberto Sansana	
Rosangela Schardong	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.50421290711">https://doi.org/10.22533/at.ed.50421290711</a>	
<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>156</b>
ELEMENTAR, MEU CARO LEITOR! UM TRABALHO COM LEITURA LITERÁRIA PARA DESENVOLVER HABILIDADES DE LEITURA E ESCRITA	
Patrícia Peres Ferreira Nicolini	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.50421290712">https://doi.org/10.22533/at.ed.50421290712</a>	
<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>170</b>
A ABORDAGEM DA LEITURA NA REGÊNCIA DOS ESTAGIÁRIOS DO CURSO DE LETRAS: DIAGNÓSTICO E ANÁLISE	
Janete Abreu Holanda	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.50421290713">https://doi.org/10.22533/at.ed.50421290713</a>	
<b>CAPÍTULO 14.....</b>	<b>184</b>
AS CONTRIBUIÇÕES DO LETRAMENTO E DA SOCIOSEMIÓTICA PARA O LIVRO DIDÁTICO DE MATEMÁTICA: COMPARANDO EQUAÇÃO DO 1º GRAU EM TRÊS LIVROS DE MATEMÁTICA	
Carlos Wiennery da Rocha Moraes	
Marli Ramalho dos Santos Rocha	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.50421290714">https://doi.org/10.22533/at.ed.50421290714</a>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA.....</b>	<b>211</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>212</b>

## RASTREANDO AS TEORIAS SEMIÓTICAS: UM PROJETO DE ESTRATÉGIAS TÉCNICO- PEDAGÓGICAS

*Data de aceite: 21/07/2021*

*Data de submissão: 27/06/2021*

### Darcilia Simões

Profa. Titular aposentada, atuando no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do rio de Janeiro. Prof<sup>a</sup> do Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás  
<http://lattes.cnpq.br/3946956008433392>  
<http://orcid.org/0000-0003-2799-6584>

**RESUMO:** O presente artigo objetiva mapear resumidamente a criação da teoria semiótica em suas variadas vertentes. Para tanto faz um rastreamento dos teóricos que contribuíram na construção dessa teoria que abrange todos os tipos sógnicos. Apresenta algumas de suas várias definições, articuladas com a corrente e/ou os estudiosos que a propuseram. Trata-se de um estudo panorâmico, sem maiores pretensões, mas com a meta de auxiliar os estudantes e pesquisadores a compreender o processo de construção do edifício semiótico.

**PALAVRAS - CHAVE:** semiótica, teorias, fundadores, definições.

### TRACKING SEMIOTIC THEORIES: A PROJECT OF TECHNICAL- PEDAGOGICAL STRATEGIES

**ABSTRACT:** This article aims to briefly map the creation of semiotic theory in its various aspects.

Therefore, it tracks the theorists who contributed to the construction of this theory that encompasses all types of signs. It presents some of its various definitions, articulated with the current and/or the scholars who proposed it. It is a panoramic study, without major pretensions, but with the aim of helping scholars and researchers to understand the construction process of the semiotic building.

**KEYWORDS:** semiotics, theories, founders, definitions.

Para a semiótica, o mundo da comunicação é um mundo de linguagens de diferentes codificações a colocar os mais diferentes sistemas em diálogo – sem a prevalência de um código sobre outro. (Irene Machado, 2001)

### 1 | PALAVRAS INICIAIS

Considerada a importância técnico-didática de trabalhos voltados para um recolhimento de dados que se prestem a compor uma visão histórica de uma teoria, tentaremos reunir neste artigo as principais correntes semióticas a que tivemos acesso ao longo de nossas especulações científicas, com vistas a distribuir entre nossos pares não só as conclusões provisórias a que chegamos, mas, principalmente, o elenco de dúvidas que vimos compondo ao longo de nossas investigações.

Procuraremos nortear nossa

apresentação, perseguindo algumas indagações-chave que nos têm servido de mote para cursos, palestras, artigos que vimos produzindo na trilha da semiótica.

Convém esclarecer ainda que o eixo de nossa leitura tem sido restrito a aspectos da semiótica que possam dar suporte a avanços metodológicos no ensino das linguagens, muito especialmente da língua portuguesa. Por isso, contaremos com a tolerância dos leitores no sentido de não criar expectativas muito amplas, pois, a nosso ver, a ciência semiótica e sua pluralidade de correntes teóricas é um universo em exploração e expansão que, a cada instante, revela potencialidades espetaculares e desafia a capacidade dos estudiosos no sentido de tirarem proveito dos paradigmas construídos, aperfeiçoarem-nos e gerarem outros em benefício do esperado progresso da ciência.

## 2 | A SEMIÓTICA E OS SIGNOS

Inicialmente, impõe-se a definição de *semiótica*. Considerada a sua história e as discussões travadas ao longo de sua definição como ciência, verificam-se embates técnicos que, a nosso ver, ainda se encontram envoltos em questões de poder e não de ciência. Isto porque das definições contrapostas resultariam a tomada da semiótica como uma ciência englobante ou englobada. No primeiro caso, a semiótica seria uma ciência geral que participaria de todos os campos do saber humano, uma vez que sua definição como *ciência dos signos e dos processos significativos (semiose) na natureza e na cultura* (Nöth, 1995:19), torna-a capaz de analisar todo e qualquer engendramento sógnico e apreciar-lhes as conseqüências ecossistêmicas. No segundo caso, o de ciência englobada, a semiótica passa a ser vista como uma ciência aplicada e, algumas vezes, confundida com uma semântica estrutural, do que resulta uma redução da análise às traduções lingüísticas do pensamento humano. Observe-se que as questões de poder a que aludimos são resultado do enquadramento da ciência semiótica como conjunto universo (englobante) ou subconjunto (englobada), pois disto decorrem posições epistemológico-políticas que também situam as vozes que se pronunciam de um ou de outro lugar. Aqui se explica a inclusão de uma epígrafe com palavras de Irene Machado que ressalta a não-hierarquização dos códigos na perspectiva semiótica.

Nas nossas leituras, verificada a ancestralidade da semiótica em relação a muitas ciências e aceito o sinequismo peirceano (a afirmação da continuidade como uma das idéias filosóficas fundamentais), entendemos como dado negativo a disputa autoritária do lugar de cada ciência e vimos tentando propor uma harmonização intelectual e lógica entre as descobertas científicas em geral. Entendemos que a ciência é uma construção oriunda da capacidade cognoscente humana e que se destina ao aprimoramento das relações entre homem e mundo, logo, não há por que litigar por espaço privilegiado, senão transformar o conhecimento dialogicamente construído como um mundo semiótico possível de convivência harmônica entre as espécies.

Concordamos com Martins (v. Fidalgo, 1999) quando declara que a semiótica não deve se circunscrever ao regime do signo, senão na confluência de dois níveis semânticos não-sígnicos (porque são processos de articulação de dados para a produção sígnica por parte do leitor/interlocutor, por isso não são signos em si): o da textualidade/discursividade e o da enunciação. Nesta perspectiva, o objeto semiótico precisa ser observado tanto quanto objeto textual, quanto como objeto de interação, intersubjetividade, reflexividade, intencionalidade e comunicação. Associo-me, portanto ao autor, pensando a semiótica como a disciplina da significação. Desta forma, não há como vê-la no plano de ciência englobada, ou como subconjunto, mas como uma ciência universalizante que se ocupa da discussão de todo processo de produção de significações engendradas pelos objetos físicos e fictícios emergentes das relações ecossistêmicas e epistemológicas.

Reverendo fala de Santaella no V Congresso Brasileiro de Semiótica (SP – set/2002), percebe-se que a estudiosa argumenta sobre a semiótica integral, sobre a universalidade sígnica. A farta leitura da teoria de C. S. Peirce dá autoridade à autora que, com base no sinequismo, lança a hipótese da inexistência de separação entre semiosfera e biosfera, ou entre bio, antrope, eco e fisioesferas (que implicariam tipologias prévias e limitadoras). A indiscutibilidade de que o universo está permeado de signos e que a semiose (produção de significação) é a base universal de tudo, do físico ao psíquico, conclui-se que tempo, pensamento, inteligência, vida, tudo está na continuidade. E esta continuidade se funda numa forma prototípica da causação final que é a mente e que, concordando com Peirce, há mente no protoplasma (célula).

Neste encaminhamento, pode-se perceber um crescendo da necessidade de entendimento da semiótica como ciência geral. A não-circunscrição de seu objeto a uma tipologia sígnica prévia faz-nos vê-la como paradigma de análise para a compreensão dos mecanismos inteligentes captáveis (ou capturáveis) em qualquer organização cósmica ou cosmúrgica (relativa à criação do mundo). Não queremos evocar interpretações míticas ou ético-religiosas de qualquer natureza, pelo simples fato de nos associarmos a uma vertente de semiótica filosófica, consubstanciada na lógica. No entanto, a cosmúrgica é por nós entendida como um moto-contínuo de produção-reprodução do mundo a partir dos avanços técnico-científicos que permitem ao homem aproximar-se dos processos de criação em qualquer escala ou nível.

Definir a semiótica tal como existiu e existe exige conhecer a sua história. Com efeito, qualquer definição nominal ou convencional não evitaria um certo grau de arbitrariedade. A definição etimológica do termo *semiótica* como disciplina dos signos poderia considerar-se como corroborando a posição de que são os signos e não a significação o objeto da semiótica (como uma concepção inicial desta ciência), no entanto, um olhar mais atento à história do étimo revelaria que não será a etimologia a arbitrar o litígio do objeto semiótico. O termo *semeion* constituinte de semiótica é tardio no grego e deriva do termo anterior *sema* (*senal, distintivo, marca, presságio, pisada, aviso, quadro, imagem, retrato, selo, letra, bandeira,*

túmulo, prova - cf. Pellizer, 1997: 831-836). Este autor identifica oito significados de *sema* na Grécia pré-clássica: *signo físico, forma desenhada ou modelada, túmulo ou sepulcro, escrita, fenômeno natural, constelação, profecia ou resposta, evidência circunstancial*. É de deste radical que surgem também outras disciplinas adjacentes, concorrentes ou mesmo pertencentes à semiótica, como *semântica* e *semasiologia*. A raiz etimológica dos termos é a mesma, todavia o seu significado varia consoante a história destes. O termo *semântica*, por exemplo, só em 1897, com o *Essai de Sémantique* de Michel Bréal, viu a sua significação definitivamente estabelecida como *a ciência do significado*.

### 3 | SEMIÓTICA OU SEMIOLOGIA?

Não é a solução da contenda terminológica que irá resolver a disputa em aberto, apesar das achegas importantes que possa dar. Sabe-se que *semiótica* começa por ser um termo da medicina grega. Na tradição hipocrática, Galeno de Pergamum (139 – 199) classifica a *semeiôtica* como um dos seis ramos da medicina, a par da *fisiologia, etiologia, patologia, higiene e terapia*. Fazendo parte da diagnose, caberia à semiótica descobrir os sintomas das doenças (Sebeok, 1984: 37-52). Apesar da genialidade médico-lógico-lingüística de Galeno (v. Edlow, 1977) a relação entre os dois campos, a *sintomatologia médica* e a *lingüística*, não foi feita pelos gregos. Umberto Eco assevera que Galeno se surpreenderia se soubesse que sua tese sobre o signo pudesse analisar elementos da língua (Eco, 1997: 730-746).

No Século XX, a medicina passou a alternar o uso dos termos *semiologia* e *semiótica* com algumas variações de sentido.

A *semiótica médica*, atualmente, divide-se em três tipos: a) *anamnésica*: estuda a história médica do paciente; b) *diagnóstica*: investiga os sintomas das doenças atuais; c) *prognóstica*: constrói predições e projeções de possíveis doenças futuras. Há certo confinamento da semiótica à sintomatologia no âmbito médico. Todavia vem surgindo uma nova semiótica médica voltada para uma semiótica geral.

Mais adiante aparece uma *semiótica moralis*. Scipio Claramonti (1625) postulou disciplina que investigaria “o conhecimento dos homens”. Observe-se que aqui se mostra uma ponta do fio que nos permite propor a semiótica como uma ciência da cognição.

O termo *semiótica* tem uma genealogia pródiga. Na sua linha de parentesco, oriundas de *semio-* (transliteração latinizada da forma grega *semio-*) e dos radicais análogos *sema(t)-* e *seman-*, tem-se *semeiôtica, semeiologia, semiologia, semântica, sematologia, semasiologia* e *semologia*. *Semântica* e *semasiologia* hoje se circunscrevem ao estudo das significações na lingüística.

*Semiologia*, termo anterior a semiótica, teria sido já usado em 1659 por um filósofo alemão, Johannes Schultens, para designar uma doutrina geral do signo e do significado.

No século XX, semiologia passa a nomear uma tradição semiótica de cunho

lingüístico fundada por Ferdinand Saussure e continuada por Louis Hjelmslev e Roland Barthes. Por via de consequência, nos países românicos prevaleceu o termo *semiologia*, enquanto nos anglo-germânicos predominou *semiótica*.

Talvez motivados pela dualidade terminológica, estudiosos começaram a produzir distinções conceituais: a) *semiótica* seria uma ciência mais geral dos signos, incluindo os signos animais e naturais; b) *semiologia* seria uma ciência exclusiva para os signos humanos, culturais, especialmente, textuais.

Hjelmslev inventou e Greimas adotou e difundiu que a semiologia seria uma metalíngua ou meta-semiótica que descreveria qualquer semiótica. Para eles, semiótica seria um sistema de signos com estruturas análogas à linguagem.

Em 1969, no seio da Associação Internacional de Semiótica, Roman Jakobson promoveu movimento que encerrou oficialmente a rivalidade entre os termos *semiologia* e *semiótica*, definindo este como termo geral que englobaria as tradições da semiologia e da semiótica geral (v. Nöth, 1995). No entanto, até hoje se documentam controvérsias apoiadas na velha discussão de quem nasceu primeiro ou de quem se ocupa do quê.

Vê-se então que a questão não é meramente nomenclatural, mas de definição do objeto. Não é a história do termo, mas a história da ciência por ele designada que vem gerando polêmicas de relevância histórica, uma vez que chegam a, em certas horas, deformar a idéia acerca da ciência focalizada. Portanto, a delimitação do objeto da semiótica seria a baliza fundamental buscada. Ainda que o método se mostre claro, sua aplicação e resultado não trazem a mesma clareza. O que se tem é de algum modo a situação circular da charada do ovo e da galinha. Quem ousou enfrentar o problema e deixa contribuições relevantes são Jürgen Trabant (1982, p. 41-48) e Umberto Eco (2008).

Trabant considera não ser possível uma história “objetiva” da semiótica, mas que haverá sempre diferentes semióticas consoante as diferentes concepções de semiótica dos historiadores. Com base em duas apresentações da história da semiótica (Elisabeth Walther, 1974 & Sebeok, 1979), Trabant mostra como a semiótica é vista e narrada consoante o respectivo ponto de partida. Segundo divisão nietzscheana da história em monumental, crítica e antiquarista, Trabant considera que tanto uma como a outra das apresentações analisadas pertencem ao gênero monumental, interessadas em justificar e glorificar uma determinada teoria ou prática semiótica. Na visão de Trabant, falta-nos uma visão antiquarista em que tudo se registra sem diferenciar o valor, mas que de alguma forma consubstancia a temática semiótica. O autor declara ser uma necessidade a elaboração dessa história antiquarista da semiótica, até para por ela se aferirem as particularidades e se corrigirem as falhas e as injustiças das histórias de tipo monumental e crítico. Isto vai ao encontro de nossas falas sobre questões autoritárias em torno da definição do *locus scientificus*.

A história antiquarista da semiótica foi, entretanto feita, pois o Manual de Posner contém uma vastíssima quantidade de material histórico que abarca todos os domínios que

podem ser considerados como pertencendo ao longo dos tempos, de longe ou de perto, à semiótica (a seção B do *Semiotics. A Handbook on the Sign-Theoretic Foundations of Nature and Culture* que inclui nada menos que 68 artigos em mais de 1500 páginas, pp. 668-1198 do 1º volume e pp. 1199-2339 do 2º volume).

Em um artigo introdutório a esta história da semiótica, Umberto Eco analisa o problema da relação do objeto e da história da semiótica. O autor aponta equívocos de parcialidade por parte dos autores do passado, por não observarem o tema em sua inteireza, mas o particularizarem em torno das noções de signo; objeto da semiótica igual ao signo; o signo não é o objeto principal, este é o vasto campo de fenômenos inter-relacionados com os signos (de que fenômenos tratam?); negam a existência de um campo específico para a investigação semiótica (haveria um objeto formal?); escancaram os portais da semiótica deixando-a à disposição de qualquer especulação (tudo é semiótico ou semiótica?) ou negam veementemente o caráter científico da semiótica (seria apenas um método de análise?).

Compartilhamos com Eco acerca da inexistência de um acordo sobre uma lista mínima de conceitos básicos e de a noção de signo permanecer como uma categoria semiótica insuficientemente compreensiva. Por isso, adotamos a idéia de que todo estudioso deva fazer uma apresentação prévia do seu entendimento de semiótica e qual o objeto da sua pesquisa, uma vez que a observação semiótica pode distribuir-se por campos tão diferentes da reflexão científica e da cultura humana. Temos ainda como ponto de partida (ou referência) a tomada da semiótica como doutrina dos signos, para mais adiante avançar na constituição da semiótica como a ciência da semiose (significação ou autogeração – Santaella, 1995).

Atualmente, circulam várias definições de semiótica que acabam por corresponder a outros tantos projetos, diversos entre si. Para Peirce (*Collected Papers*) semiótica é “a doutrina da natureza essencial das variedades fundamentais de toda possível semiose”; para Saussure (CLG, 1986), se trata de “uma ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social” à qual propõe que se dê o nome de “semiologia”. Para Erik Buysens (*La comunicación et l’articulación linguistique*), ao contrário, se trata do “estudo dos processos de comunicação, ou seja, dos meios utilizados para influir os outros e reconhecidos como tais por aquele a quem se quer influir”, denomina-a semiologia. Enquanto para Morris (*signos, linguagem e comportamento*) define a semiótica como uma “doutrina compreensiva dos signos”; para Umberto Eco “é uma tese de investigação que explica de maneira bastante exata como funcionam a comunicação e a significação”.

Vejam os seguintes artigos de Jakobson (1990), Locke (1690) e a de Sebeok (1976). Roman Jakobson define semiótica na abertura do primeiro Congresso da Associação Internacional de Estudos Semióticos como qualquer tipo de estudo interessado numa *relation de renvoi*, no sentido clássico do *aliquid stat pro aliquo*. Classifica a linguagem como um sistema de signos, e a lingüística como a ciência dos signos verbais, porém,

como uma parte da semiótica, a ciência geral dos sinais que assim foi nomeada e delineada por John Locke (médico, filósofo e político inglês. Excelente filósofo *empirista* segundo a *origem* do conhecimento, e *realista* segundo a *essência* do conhecimento). A seu turno Sebeok transformou a semiótica em uma ciência da vida, ao reintegrá-la às suas raízes na biologia médica. A semiótica foi por Sebeok retirada do terreno filosófico, lingüístico e hermenêutico e devolvida ao domínio da biologia, sua procedência original. A aproximação biológica de Sebeok é inerente a uma perspectiva que pretende investigar como todos os animais estão dotados geneticamente da capacidade de utilizar sinais básicos e signos para sobreviver, e como a semiose humana é ao mesmo tempo similar e diferente da semiose não-humana (ou animal em sentido restrito). Sebeok leva a investigação semiótica para seus princípios orgânicos, ou seja, não se limita a considerar as mensagens como intercâmbios de signos entre uns e outros organismos, senão entende que a semiose afeta à representação do mundo particular a cada espécie. Os enfoques tradicionais se ocupam das estruturações das mensagens e perdem de vista a profundidade do fenômeno semiótico. Segundo Sebeok, a semiótica não versa absolutamente sobre o mundo “real”, mas sobre modelos reais complementares ou alternativos desse mundo, e - como Leibniz (1646 - 1716) pensava - sobre um número infinito de possíveis mundos antropologicamente concebíveis. Deste modo, a semiótica não revela nunca o que é o mundo, senão dá meios de interação sensório-cognoscente para que possamos construir nosso conhecimento sobre o mundo; em outras palavras, o que um modelo semiótico representa não é a “realidade” como tal, porém a natureza descoberta por nosso método de investigação.

Para clarificar, o ponto principal do pensamento de Leibniz é a teoria das mônadas. É um conceito neoplatônico, que foi retomado por Giordano Bruno e Leibniz desenvolveu. As mônadas (unidade em grego) são pontos últimos se deslocando no vazio. Leibniz chama de *enteléquia* e *mônada* (segundo Aristóteles, é o resultado ou a plenitude ou a perfeição de uma transformação ou de uma criação, em oposição ao processo de que resulta tal criação ou transformação) a substância tomada como coisa em si, tendo em si sua determinação e finalidade. Na sua doutrina das mônadas, afirma que cada mônada espelha o universo inteiro. Tudo está em tudo. Isso se aplica também ao tempo, ele diz: “o presente está grávido do futuro”. Uma mônada se diferencia da outra, porque as coisas estão nelas presentes em maior ou menor grau, e sob diferentes ângulos e aspectos. Vê-se aqui semelhança com o raciocínio de Peirce, na tomada do universo como um construto semiótico, bem como na afirmação da semiose ilimitada.

Nesse andamento, já se torna possível perceber (ou reiterar) que pisar em terreno semiótico não é tarefa para qualquer um. A história desta ciência é a um só tempo índice e ícone das polêmicas dela decorrentes, e isto explica a ainda inexistência de acordo nomenclatural, perspectiva, enfim, definição última do objeto, que pudesse dar à semiótica uma relativa tranqüilidade investigacional.

## 4 | A SEMIÓTICA NO TÚNEL DO TEMPO

Muito antes de Saussure e Peirce, uma teoria dos signos e da significação já era construída no seio da filosofia. John Locke (1632 - 1704) e Johann Heinrich Lambert (1728 – 1777) deixaram significativas contribuições neste âmbito. Esta formulação teórica precedia cogitações exclusivas ou dependentes do signo verbal e se ocupava com investigar a natureza dos signos, da significação e da comunicação na história e nas ciências.

Recuando no tempo, chamamos ao texto o filósofo Aristóteles (384 – 322 a.C.). Discípulo de Platão durante vinte anos, na Academia, afastou-se dela após a morte do mestre fundando depois a sua própria escola, o Liceu. É um gênio enciclopédico, abarcando todo o conhecimento do seu tempo e criando novas ciências, como a lógica. Opôs-se à teoria platônica das idéias e fomentou o estudo da natureza, mas as suas concepções sobre o movimento e sobre cosmologia influenciaram negativamente o progresso da ciência até ao Renascimento, dada a enorme influência exercida sobre os filósofos medievais. De suas elucubrações extraem-se dados relevantes para a fundação da semiótica. Platão e Aristóteles fundaram a filosofia e, como teóricos do signo, já eram semioticistas *avant la lettre*.

Embora se constitua um fenômeno dos inícios do século passado, o estudo dos signos traça uma “pré-história”, pois suas origens remontam muito longe, aos primórdios da filosofia ocidental, em sua gênese grega.

No período greco-romano, a filosofia constrói uma teoria dos signos verbais e não-verbais. Platão contribuiu com as noções de *nome*, *noção* (ou *idéia*) e *coisa* à qual o signo se refere. No *Crátilo*, Platão discutiu a relação entre nomes, idéias e coisas e concluiu: a) signos verbais, naturais ou convencionais, são representações incompletas da verdadeira natureza das coisas; b) o estudo das palavras não revela nada sobre a verdadeira natureza das coisas; as idéias independem das representações em forma verbal e c) cognições concebidas por meio de signos são apreensões indiretas, logo, inferiores às cognições diretas.

Aristóteles discutiu o signo no âmbito da lógica e da retórica, nele encontrando três componentes em analogia ao pensamento silogístico. Assim descreveu o signo como uma premissa que conduz a uma conclusão. Chamou o signo lingüístico de símbolo e o definiu como signo convencional das “afecções da alma”. O modelo do signo aristotélico é, portanto, triádico.

Da noção de signo como premissa, pode-se deduzir a abertura potencial do signo à polissemia resultante da pluralidade de leituras e de leitores (intérpretes na teoria peirciana). A premissa seria o ponto de partida de um raciocínio, geralmente inaugurada numa construção icônica ou indicial, enquanto a conclusão – generalização – se mostraria num nível posterior, terceiro, em que as sensações (primeiridade) e as reações (secundidade) já se organizariam simbolicamente, produzindo modelos genéricos disponíveis para

a formulação de novos raciocínios sobre outros temas ou idéias. O símbolo, signo em terceiridade, é uma conclusão e se dispõe a tornar-se paradigma para novas semioses.

Também os estóicos viram o signo como entidade triádica (v. Nöth, 1995: 31-2). Seus componentes básicos seriam: a) *semainon*, que é o significante, entidade percebida como signo; b) *semainomenon*, ou *lékton*, que corresponde à significação ou significado; e c) *tygchanon*, o evento ou o objeto ao qual o signo se refere. Sua teoria também estava ligada à lógica e interpretavam a cognição de um signo como um processo silogístico de indução. Ainda classificaram os signos como comemorativos (ao referirem-se a observações associadas anteriormente ao signo) e indicativos (quando indicam fatos não evidentes).

Os epicuristas se opõem aos estóicos e buscam um modelo diádico para o signo em que só o significante (*semainon*) e o objeto referido (*tygchanon*) seriam considerados. O conceito (*semainomenon*, ou *lékton*), parte imaterial do signo, não integraria tal composição. Na base da teoria epicurista, o excessivo materialismo propõe o objeto físico como origem das imagens (*eídola*), que emanam de sua superfície. Os átomos icônicos do objeto irradiam uma imagem que se materializa na mente receptora e formam uma nova imagem chamada fantasia. Logo, os componentes do signo na visão epicurista são a imagem emitida pelo objeto e a imagem captada pelo observador.

Os estóicos aventaram uma precípua de capacidade de antecipação (*prolépsis*) por parte do receptor. Isto consistia numa existência prévia de imagens mentais ou conceitos capazes de antecipar a imagem do signo observado. Observe-se que o processo semiótico descrito pelos estóicos inclui uma terceira dimensão que o aproxima dos modelos triádicos do signo. A idéia de uma imagem mental antecipadora de uma cognição atual está muito afinada com a concepção contemporânea das ciências cognitivas, donde o materialismo epicurista passa a ser visto como um mero dado da história da epistemologia.

A despeito de muitas refutações das idéias epicuristas sobre semiótica, reflexões zoossemióticas e especulações sobre a origem gesticular da língua são contribuições interessantes daqueles pensadores.

#### 4.1 O signo como instrumento cognitivo

O apogeu da semiótica antiga vem com Santo Agostinho (354 – 430). Teólogo e filósofo dos primeiros tempos do cristianismo procurou conciliar a filosofia grega, sobretudo a de Platão, com a religião cristã. Na sua filosofia assume relevância a vontade, que leva a valorizar o homem, responsável pelo mal e pelo bem, agente livre da história.

Segundo Coseriu, Agostinho foi o maior semioticista da Antigüidade e o verdadeiro fundador da semiótica (v. Nöth, 1995). Em *As Confissões* (XI, 24), o filósofo diz que:

não se pode ver senão o que existe. O que já existe não é futuro, mas presente. Quando se diz que se vê o futuro, o que se vê não são os acontecimentos futuros, que ainda não existem, porque são futuros, mas as suas causas ou talvez os sinais que os anunciam, causas e sinais que já existem; estes não são futuros, mas presentes aos que os vêem, e é graças a eles que o futuro é

É ainda Santo Agostinho quem divide os signos em *naturais* e *convencionais*. Naturais são os que involuntariamente significam, assim como a fumaça é sinal de fogo, a pegada sinal de animal; convencionais os que foram instituídos pelo homem com o fim preciso de representar, e destes, os mais importantes são as palavras. Surge então, nova divisão. Os signos convencionais podem ainda ser próprios ou metafóricos. São próprios quando denotam as coisas para que foram instituídos; metafóricos ou translata quando as coisas a que designam servem para significar uma outra coisa.

O signo convencional, aquele que interessa a Agostinho no âmbito do *De Doctrina*, é depois objeto de uma segunda e não menos importante definição: “Os signos convencionais são os signos que mutuamente trocam entre si os viventes para manifestar, na medida do possível, as moções da alma, como as sensações e os pensamentos”. Santo Agostinho considerou o signo no plano meramente mental. Para ele, “o signo é uma coisa que, além da impressão que produz nos sentidos, faz com que outra coisa venha à mente como consequência de si mesmo” (*De Doctrina Christiana*, II, 1, 1). Também distinguiu *signo* e *coisa*. Esta é o que nunca foi usado como signo de outra coisa. Ex. madeira, ferro, etc. Já o *signo* é uma coisa que representa outra coisa. Logo, todo signo é coisa, mas nem toda coisa é signo. As coisas são conhecidas por meio dos signos. Santo Agostinho estendeu o estudo dos signos ao plano não-verbal. Segundo Todorov (Fidalgo, 2003-2004: 33), Agostinho seria o autor do primeiro trabalho propriamente semiótico.

No segundo artigo das Súmulas, bem no início da *Ars Logicae* (2001), que João de São Tomás (1589-1644) começará a gizar os contornos do seu edifício semiótico. Lá afirmara que “todos os instrumentos dos quais nos servimos para a cognição e para falar são signos”. Nesta linha de raciocínio, o dominicano português insiste fundamentalmente na importância da definição de signo, nas condições requeridas para que alguma coisa seja signo, e como distinguir entre um signo e outros manifestativos que não o são — caso da imagem, da luz que manifesta as cores ou do objeto que se manifesta a si mesmo — o signo é sempre inferior ao que representa, porque no caso de ser igual ou superior destruiria a essência do signo. É por esta razão que Deus não é signo das criaturas, embora as represente, e uma ovelha nunca é signo de outra ovelha, embora possa ser sua imagem. Assim, as condições necessárias para que algo seja signo são a existência de uma relação para o representado enquanto algo que é distinto de si e manifestável à potência; é ainda necessário que o signo se revista da natureza do representativo; deverá também ser mais conhecido que o representado em relação ao sujeito que o apreende; e ainda inferior, mais imperfeito, e distinto, que a coisa que significa.

Sobre a divisão dos signos, da perspectiva do cognoscente, em *formais* e *instrumentais*, a questão que se coloca é saber se os signos formais são verdadeiramente signos, ou, por outras palavras, de que modo se revestem estes das condições necessárias

ao signo, nomeadamente, conduzir a potência para um referente e ser mais imperfeito que a coisa significada. A dificuldade, neste ponto, agudiza-se porque exige, sem dúvida, finas distinções, explicar de que forma o signo formal, que é interior ao cognoscente e a maioria das vezes não é sequer apreendido conscientemente, é meio condutor para o representado:

“[...] e assim o signo formal para isto conduz, para que o conceito e a percepção sejam postos na potência e esta se torne cognoscente; mas o próprio conceito não é meio para conhecer. Pelo contrário, alguma coisa é dita ser conhecida igualmente imediatamente quando é conhecida em si e quando é conhecida mediante um conceito ou percepção; com efeito, o conceito não faz a cognição mediata” (Tomás, João de São, in *Tratado dos Signos*: 238).

Filósofo e cientista político inglês, Thomas Hobbes (1588-1679, recorda em sua autobiografia que em certa ocasião, numa roda de intelectuais, alguém perguntou “O que é o sentido?” e ninguém soube responder. Então lhe ocorreu que se as coisas materiais e todas as suas partes estivessem em repouso ou movimento uniforme, não poderia haver distinção de nada e conseqüentemente nenhuma percepção: assim a causa de tudo está na diversidade do movimento. Lançou essa idéia em seu primeiro livro filosófico, “Uma Curta Abordagem a respeito dos Primeiros Princípios”. Ele então planejou uma trilogia filosófica: *De Corpore*, demonstrando que os fenômenos físicos são explicáveis em termos de movimento e que seria publicado em 1655; *De Homine*, tratando especificamente do movimento envolvido no conhecimento e apetite humano, que seria publicado em 1658, e *De Cive*, a respeito da organização social, que seria publicado em 1642.

O estudioso conclui que os nomes são signos das nossas concepções e não das coisas mesmas. No *Leviatã* (1997, 31) que “não há nenhuma concepção no espírito do homem que primeiro não tenha sido organizada total ou parcialmente nos sentidos”. E fala de uma “cadeia de pensamentos” e dessa se “passa para uma cadeia de palavras” (op. cit, p. 44). Portanto, os signos são resultantes de uma rede de tramas mentais, a que mais tarde Peirce denominou *semiose ilimitada*.

George Berkeley (1684 - 753), estudioso irlandês que entendeu que nossas sensações do mundo são “idéias impressas nos sentidos” e não existem a não ser na mente de quem as percebe. Berkeley nega que reste alguma coisa, se tiramos do objeto todas as suas qualidades, tanto as primárias (extensão, consistência) como as secundárias (cores, sons, etc), considerando-as produto de nossos sentidos. Vê-se então que Berkeley apóia sua tese no que vem a configurar o ícone, funda-se na plasticidade, que é a propriedade geradora das imagens mentais. Contudo, esta plasticidade não está nos entes, seres ou coisas; para Berkeley, como as qualidades dos corpos dependem da nossa mente, não podemos atribuir aos corpos mesmos a atividade de causar-nos sensações. Então, para Berkeley, é Deus que causa em nós as impressões (vide abaixo). O que pensamos serem corpos não tem existência real, existem apenas como impressões em nossa mente.

Esse pensamento é frontalmente contrário ao que Immanuel Kant desenvolveria cerca de cinqüenta anos depois, sustentando que algum material é causa do conhecimento sensível e está investido das qualidades percebidas. Kant acredita inteiramente que os corpos existem sem nós, ou seja, existem coisas as quais, apesar de inteiramente desconhecidas para nós, sustentam as qualidades com que as conhecemos.

Para Berkeley, a afirmação de Locke segundo a qual as nossas idéias representam alguma coisa diferente delas próprias é incoerente e gratuita. Se apenas conhecemos idéias, mantenhamos este princípio, diz Berkeley, em consequência do qual não tem qualquer sentido dizer que as idéias são representações. Dado que só conhecemos idéias, e conhecemos as coisas, as coisas são idéias. De modo que não há duas realidades, as coisas e as idéias, como pretendia Locke, mas apenas uma: as idéias ou percepções. E, conseqüentemente, o ser das coisas é o seu ser percebido (*esse est percipi*). As idéias são sempre idéias de uma mente que as percebe. Se o ser das coisas consiste em ser percebido, o ser da mente consiste em perceber. De onde recebe o nosso espírito as idéias? Não tem cabimento dizer, como Locke, que de uma realidade exterior diferente das idéias. Como vimos, essa realidade não existe. Berkeley conclui que a nossa mente as recebe de Deus. Por outro lado, Berkeley também afirma a existência de Deus através da idéia de causa: Deus é a causa das nossas idéias. Para o filósofo, havia de serem estudadas as relações entre signos e coisas significadas; e o mundo natural aparece permeado de signos, conforme diria Peirce, posteriormente.

John Locke (1956). Sobre a linha do desenvolvimento do empirismo, Locke representa um progresso em confronto com os precedentes: no sentido de que a sua gnosiologia fenomenista-empirista não é dogmaticamente acompanhada de uma metafísica mais ou menos materialista. Limita-se a nos oferecer, filosoficamente, uma teoria do conhecimento, mesmo aceitando a metafísica tradicional, e do senso comum pelo que concerne a Deus, à alma, à moral e à religião.

Locke não parte da “realidade” do ser, mas do fenômeno do pensamento. No nosso pensamento acham-se apenas *idéias* (no sentido genérico das *representações*): qual é a sua origem e o seu valor? Locke exclui absolutamente as idéias, e os princípios que deles se formam derivam da experiência; antes da experiência o espírito é como uma folha em branco, uma *tabula rasa*.

No entanto, a experiência é dúplice: *externa* e *interna*. A primeira realiza-se através da *sensação*, e nos proporciona a representação dos objetos (chamados) externos: cores, sons, odores, sabores, extensão, forma, movimento, etc. A segunda realiza-se através da *reflexão*, que nos proporciona a representação das próprias operações exercidas pelo espírito sobre os objetos da sensação, como: conhecer, crer, lembrar, duvidar, querer, etc. Nas idéias proporcionadas pela sensibilidade externa, Locke distingue as qualidades *primárias*, absolutamente *objetivas*, e as qualidades *secundárias*, *subjetivas* (objetivas apenas em sua causa). De alguma forma, há aqui, embrionariamente, as noções de

primeiridade, secundidade e terceiridade que serão adiante formuladas por Peirce.

Das contribuições de Locke, destacamos a definição de signos como *instrumento de conhecimento*. Mais tarde isto contribuirá sobejamente com os achados acerca da teoria da comunicação, a despeito de sua concepção mentalista e subjetivista acerca das idéias e palavras, que as punha ambas na condição de produtos mentais circunscritos ao contemplador e ao emissor, o que inviabilizaria a comunicação humana.

Não pretendemos rastrear toda a história da semiótica, mas cremos já ter trazido aos olhos do leitor parcela significativa de sua evolução.

## 4.2 Para uma Semiótica no século XX

No entanto, para além de uma história geral da semiótica, há a história da semiótica como disciplina do século XX. Aqui é inquestionável que Charles Sanders Peirce (1839-1914), cientista, matemático, historiador, filósofo e lógico norte-americano é considerado o fundador da moderna Semiótica. Ferdinand de Saussure, na Europa, formulara pressupostos teóricos que o reuniria a Peirce na condição de inventores da semiótica tal como viria a constituir-se nos nossos dias. A semiótica é, em última análise, uma ciência recente para uma temática antiga. No rastreamento de sua história, importa-nos a sua firmação como disciplina autônoma na contemporaneidade, em cujo espaço não subsistem quaisquer dúvidas de que foi concebida pelos seus fundadores como *ciência dos signos*.

É, sobretudo a função representacional dos signos no conhecimento que chama a atenção dos lógicos do século XIX, como Lambert (In Hubig, 1979: 333-344), Bolzano e Husserl. Eles vêem na semiótica uma ciência propedêutica à lógica projetada para o estudo dos signos como instrumentos do pensamento e do conhecimento.

Um breve parêntese sobre categorias as categorias aristotélicas e kantianas. Segundo Aristóteles (in *Organon*), *categorias* são as formas básicas sob as quais a realidade chega até nós. Percebe-se alguma coisa e a coisa percebida é ou um *ente real* (exemplo: um cenário, um objeto físico) ou é uma *qualidade* (exemplo: calor, frio, dor, amarelo); ou é uma *relação* entre as duas coisas (exemplo: o cenário é muito verde); ou é uma *ação* que está sendo praticada por algum ente (exemplo: alguém produz um texto). Todas as coisas que se pode perceber no mundo se incluem numa destas categorias. Elas são a divisão máxima da realidade. E seriam, equivalentemente, os vários tipos de conceitos possíveis.

Para Kant, as categorias são formas *a priori* necessárias para pensar a experiência. Distingue quatro categorias gerais, cada uma subdividida em três secundárias: *de quantidade* (unidade, pluralidade, totalidade); *de qualidade* (realidade, negação, limitação); *de relação* (substâncias e acidentes, causa e efeito, reciprocidade entre agente e paciente); *de modalidade* (possibilidade-impossibilidade, existência e não-existência, necessidade e contingência). Verifica-se em um e outro quadro categorial uma constância relativa a qualidade, relação e existência real. Fecha-se aqui o parêntese e retoma-se a formulação semiótica de Peirce.

É no seguimento desta linha filosófico-lógica que Peirce desenvolve o seu conceito de semiótica (v. Oehler, 1987). Para Peirce a semiótica é uma disciplina lógica. Sua idéia sobre sinequismo vem pôr em xeque muitos pressupostos relacionados às semióticas que se deixam dirigir para estilizações estruturalistas que perdem de vista a totalidade cósmica universal e a talidade (tal como é – v. Plaza, 1998) dos fenômenos. Logo nos primeiros escritos, mais precisamente em *On a New List of Categories* (Peirce, CP), estabelece os traços gerais do que seria a sua semiótica. As categorias aristotélicas e kantianas são condensadas simplesmente em três, *qualidade, relação e representação*, havendo então a distinguir três tipos de *representações* (termo que viria a ser substituído por *signo*), *similitudes* (mais tarde, *ícones*), *índices* e *símbolos*.

A tese fundamental de Peirce nos primeiros escritos, *Questions Concerning Certain Faculties Claimed for Man e Some Consequences of Four Incapacities*, é de que “todo o pensamento está nos signos” e, portanto, de que a semiótica tem uma aplicação universal. Tudo pode ser um signo, bastando para isso que entre num processo de semiose, no processo de que algo está por algo para alguém.

Diretamente na trilha de Peirce, Charles Morris apresenta a semiótica como a ciência dos signos com as subdisciplinas da *sintática, semântica e pragmática* (Morris, 1971: 20). O mérito de Morris é o de ter estabelecido esta divisão epistemológica da semiótica, que se tornaria canônica, na base do próprio processo semiótico. O estudo semiótico dos signos pode ser sintático (relação entre signos), semântico (relação entre signos e interpretantes ou referências) ou pragmático (relação entre signos e intérpretes ou sujeitos), justamente em função da natureza relacional e relativizante do signo. Todo signo consiste na relação de um veículo sígnico que denota algo para alguém. A semiótica não é concernente ao estudo de um tipo particular de objeto, mas de qualquer objeto se (e apenas se) participante de uma semiose (Morris, op.cit.).

Ainda que estudiosos afirmem não restarem dúvidas de que — quanto à semiótica de proveniência peirceana, seguramente a corrente semiótica mais importante da atualidade — a semiótica foi e continua a ser entendida como doutrina dos signos, arriscamos contestar extraíndo da concepção semiótica do filósofo norte-americano de nossa eleição a proposta de uma *semiose da cognição*. E para nós a cognição se estende a todos os componentes do universo, partindo da premissa peirceana da mente universal, que se objetiva na explicação do legissigno. A análise lógica aplicada aos fenômenos mentais mostra que não há senão uma idéia de mente, a saber, a de que as idéias tendem a propagar-se de forma contínua e a afetar a outras determinadas que se encontram em uma relação peculiar de afetabilidade junto àquelas. Ao propagar-se perdem intensidade, e especialmente o poder de afetar a outras, mas ganham em generalidade; e acabam por mesclar-se com outras idéias. Desta forma se convencionam os signos e se constroem os interpretantes. Portanto, na perspectiva peirceana, os signos em geral ganham ênfase e dimensões progressivas que, em última instância, convola o mundo num grande signo.

### 4.3 A negação dos signos como o objeto da semiótica

A. J. Greimas produz na escola francesa a negação dos signos como objeto da semiótica. É, portanto na história da semiologia, ou da semiótica de proveniência lingüística, que se encontram razões para a transformação da semiótica tradicional.

Saussure apresenta uma idéia de semiologia tão clara quanto embrionária. À semiologia competiria “o estudo da vida dos signos no seio da vida social” (CLG). Sendo a linguagem um sistema de signos entre outros sistemas de signos de que o homem se serve para comunicar, a lingüística seria uma ciência particular de determinados signos, os signos da linguagem, e enquadrar-se-ia na ciência geral da semiologia que se debruçaria sobre todos os signos. A nova ciência, denominada a partir do grego *semeion* (*semeion*), “sinal”, “estudaria em que consistem os signos, que leis os regem”(CLG). Importante observar que sem que se conhecessem ou se comunicassem Peirce e Saussure engendravam teorias assemelhadas, ainda que com fundamentos bastante distintos: Saussure centrou-se no signo lingüístico numa preocupação profunda com a estruturação do pensamento em signos verbais; Peirce interpretava a produção sígnica em geral, observando a capacidade de produção de significados a partir de sinais naturais ou artificiais que convolvavam em signos infinitamente.

A despeito deste encontro de observação sobre o signo, os franceses sob a liderança intelectual de A.J. Greimas propõem uma guinada no projeto semiótico, apoiando-se nos pressupostos hjelmslevianos e na semântica fundamental. Afastam o signo da condição de objeto da semiótica e constroem novo objeto: *estruturas elementares da significação*. Conjuntamente com a sintaxe fundamental, recobrem o estudo das estruturas designadas pelos conceitos de língua (Saussure) e de competência (Chomsky). As estruturas semânticas podem ser formuladas como categorias e são susceptíveis de ser articuladas pelo quadrado semiótico. São investigações de base gerativa e perseguem programas narrativos como processos de produção de significado.

### 4.4 O quadrado semiótico

O quadrado semiótico situa-se na semântica fundamental, ponto de partida do processo gerativo. Este consiste na trajetória de produção do objeto semiótico, das estruturas profundas às estruturas de superfície, do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto. Nesse percurso distinguem-se três níveis, da base para o topo: o nível profundo e o nível de superfície das estruturas narrativas, e o nível das estruturas discursivas. Os diferentes níveis são estudados respectivamente pelas sintaxes e semânticas fundamentais, narrativas e discursivas (Greimas & Courtés, 1979: 157-160).

O quadrado semiótico consiste na representação visual da articulação lógica de uma qualquer categoria semântica. Partindo da noção saussuriana de que o significado é primeiramente obtido por oposição ao menos entre dois termos, o que constitui uma estrutura binária (Jakobson), chega-se ao quadrado semiótico por uma combinatória das

relações de contradição e asserção. Este é um procedimento estruturalista na medida em que um termo não se define substancialmente, senão pelas relações que contrai.

Em nossa leitura, o redirecionamento do projeto semiótico pelos franceses da corrente citada reforça o lume sobre uma proposta semântico-estruturalista revificada pelas idéias gerativistas. Isto, além de reduzir, numa primeira instância, o foco da investigação para o âmbito do signo verbal, afasta-se da dimensão lógico-filosófica perseguida pela semiótica representada pelo pensamento peirceano e demais estudiosos do signo como célula da significação. Salvo melhor entendimento, para a semiótica francesa, a célula da significação passa a ser o processo, o que predetermina um modelo de análise por fórmula – o quadrado semiótico e seus desdobramentos – que, a nosso ver, por um lado, objetiva a análise a partir das demonstrações diagramáticas possíveis, mas, por outro, submete/aprisona o objeto de análise a/em um modelo prévio, que, a princípio, não estaria sujeito às imprevisibilidades do vir-a-ser.

Segundo a visão de que o discurso se tornou um mediador independente tanto da natureza como da sociedade, o princípio da imanência passou a estar na base das ciências da linguagem e decorre da autonomia da linguagem. Por via deste princípio, o sentido autonomiza-se. Doravante, tudo o que significa obedece a leis internas próprias, independentes, em parte, pelo menos, dos dados exteriores. À *referência* sucede a *ilusão referencial* (impressão de que o real concreto basta a si próprio – cf. Barthes, 1987: 136) e o *simulacro do real* (Courtès, 1991: 55). Os objetos modificam-se profundamente. Tornou-se evidente que a linguagem não é um puro signo, e que nem tudo é produto da linguagem. Depois da separação total (as coisas em si & o sujeito transcendental), depois das aventuras da mediação, depois dos equívocos da incomensurabilidade entre os dois pólos, tudo está a ser agora objetalizado pela imagem. E é com base nesta imagem que o quadrado semiótico se consolida nos estudos da corrente francesa sobre a significação, e, salvo melhor juízo, recupera a dimensão semiológica por centrar suas elucubrações na tradução verbal do processo de produção de significados.

Negando o signo como objeto da semiótica e propondo análises em nível superior e inferior ao do signo, duas direções são identificadas para a análise com bases greimasianas: no nível inferior, analogamente à decomposição do fonema em traços distintivos, tem-se a atomização dos signos em seus componentes semânticos, ou semas; no nível superior, a descoberta de unidades textuais, entidades semânticas nucleares que são mais que signos. Seu modelo de análise evoluiu para o que denominou *trajetória gerativa* (Greimas & Courtès, 1979: 132-134).

#### 4.5 A questão da imanência

Comparando-se as óticas de Peirce e Greimas, parece-nos possível concluir sobre uma diferença fundamental relacionada ao princípio da imanência. Para Peirce, a imanência está no signo em si. Enquanto para Greimas a imanência está nas relações construídas no

programa narrativo. O primeiro discute o signo em suas relações endógenas e exógenas ao texto (em qualquer código ou linguagem) de que participa. O segundo circunscreve a análise às estruturas internas do texto (*discurso*, para Greimas) observado, traduzindo-as em processos verbais.

Chamando-se Ducrot (1981) ao texto, pode-se propor uma reflexão sobre a natureza *argumentativa* (e não narrativa, como querem os greimasianos) do discurso. Na Retórica moderna, a partir de Perelman (1993) pelo emprego de técnicas discursivas busca-se a adesão dos espíritos às teses, o que caracteriza a argumentação como um ato de persuasão. Nesse sentido, a linguagem não é só meio de comunicação, mas também instrumento de ação sobre os espíritos, ou seja, é um meio de persuasão, pela interação.

Concebendo assim a linguagem é que se pode postular a inexistência do discurso neutro, objetivo, imparcial; pelo contrário, a argumentatividade, segundo Ducrot (1981), está inscrita na própria língua. Portanto, o uso da linguagem é inerentemente argumentativo. Do ponto de vista semiótico, a produção do signo (algo que está por algo para alguém) pode ser lida como um processo discursivo-argumentativo, uma vez que a expressão-manifestação de uma idéia sobre algo por meio de um signo traz subjacente a intenção (mesmo inconsciente) do agente semiótico (o sujeito) de distribuí-la entre seus interlocutores, preferencialmente fazendo-lhes assumi-la como deles. Logo, é um processo argumentativo e não meramente narrativo. A função do pensamento é unicamente a de produzir a crença (voltaremos a isto na conclusão).

No mito moderno, os objetos da crença teriam três particularidades. Primeiramente, possuíam bordos nítidos sem nenhuma aderência ao mundo social. Em segundo lugar geravam conseqüências imprevistas, que, idealmente, não deviam existir, mas que eram descobertas por acaso ao longo da sua carreira de objetos. Em terceiro lugar, projetavam-se sobre eles valores, símbolos, signos que pertenciam ao mundo social. Seguindo esta esteira, verifica-se que a mutação é uma característica imprescindível do existente (seja real ou fictício). Logo, a evolução das teorias científicas está sujeita a este movimento contínuo de transformação. No entanto, retomando a questão do autoritarismo intelectual (segundo Bacon, as aulas seriam reinos da mente, e os mestres, tiranos e conquistadores – v. Merrel, 1998: 21), é possível verificar-se uma luta pela afirmação de uma corrente em detrimento de outra. Assim a atitude dicotômica ainda predomina sobre a dialética, ainda que os movimentos estruturalistas tenham cumprido já o seu papel, deixado suas contribuições relevantes e aberto espaços para novos enquadres.

Mais uma marca decisiva entre a ótica francesa e a norte-americana é a questão do limite da interpretação. Para Greimas a imanência é condição fundamental e, por isso, delimita a compreensão do texto. Para Peirce, a interpretação é ilimitada e contínua, está sujeita a processos interacionais que geram uma semiose infinita regulada pelas relações entre signos, intérpretes e interpretante. A imanência se constrói em cada interação, que, a seu turno, reconstrói o objeto imediato. Logo, imanência não é qualidade preexistente.

A imanência integra os princípios básicos do estruturalismo, sobretudo no âmbito da crítica literária (Barthes e Kristeva aprofundaram de modo relevante discussões em torno do tema). A relevância do princípio da imanência não deveria engendrar litígios teóricos, mas dar suporte a visões diferenciadas de um mesmo fenômeno: o processo semiótico. Segundo Nöth (1995, 297 – 2.2), as perspectivas tidas por divergentes são, na verdade, complementares, pois signos, significados e redes de relações são todos conteúdos-objetos da investigação semiótica, logo, não há por que digladiar. Acrescentamos que a pluralidade de óticas deveria ser vista como enriquecimento do processo investigativo, uma vez que os enfoques conseguem apontar traços, geralmente, diferenciados e, quase sempre, interessantes ao avanço das descrições.

#### 4.6 Traços distintivos, estruturas dinâmicas e perspectiva funcional.

Avançando nas polêmicas em torno da construção/descrição de uma teoria da linguagem, a Escola de Praga (fundada em 1926) opôs-se ao estruturalismo “puro” de Saussure e Hjelmslev, descobriu *os traços distintivos como átomos da linguagem e dos princípios funcionais de sua descrição fonológica*, deixando assim contribuições expressivas para a pesquisa na *estrutura dos sistemas de signos*. As contribuições dos teóricos dessa Escola se projetaram para além da lingüística, influenciando a estética, a poética, a estilística e a teoria da literatura.

Dentre as contribuições dessa Escola, ressalta-se a relevância dada à *diferença entre estático e dinâmico nas perspectivas da lingüística sincrônica e diacrônica*. Produziu-se um conceito dinâmico de estrutura associado a uma perspectiva funcional de análise dos fenômenos artísticos, principalmente. (Observe-se que isto vai ao encontro do sinequismo peirceano, que aponta a infinita resignificação proveniente da relação de tudo sobretudo num mundo precipuamente mutante.) Estendeu-se a análise da expressão lingüística para o conteúdo das estruturas, e da análise do verbal para os não-verbais e visuais meios de expressão. Murakóvski (1934) define o trabalho artístico como um signo dotado de função comunicativa e autônoma. Isto explicita a dimensão do estruturalismo de Praga e o inclui entre os modelos semióticos.

As principais contribuições dessa Escola foram: traços distintivos, estruturas dinâmicas e perspectiva funcional.

#### 4.7 Semióticas e dimensão cibernética

Os russos, após o fim do stalinismo, retomaram seus estudos de base formalista e decidiram prosseguir na pesquisa estruturalista que já evoluía em Praga, Copenhagen, Paris e na América. Na década de 60, seus estudos se faziam conhecer como *estruturalismo soviético*. Já após os meados dos anos 70, passam a ser designados como *semiótica soviética*.

Dois centros de estudos se projetaram na Rússia: o de Moscou e o de Tartu

(Estônia). Ficaram conhecidos como Escola Semiótica de Moscou-Tartu (*Moscow-Tartu Semiotics School*). Muito cedo desenvolveram projetos sobre máquinas de tradução, lingüística-matemática e cibernética. Deram curso à idéia de uma semiótica de sólidas bases na informação, na comunicação e na teoria de sistemas. Receberam forte influência de Saussure, Hjelmslev e Jakobson. Estenderam seu escopo de análise da linguagem e da literatura para outros fenômenos culturais, tais como a *comunicação não-verbal e visual* (pintura, música, cinema), *mito, folclore e religião*.

Do ponto de vista da poética e da estética, os soviéticos introduziram a pesquisa da *semantização das formas de expressão*: traços de estilo e métrica são passíveis de interpretação semântica. Enfim, são signos. Finalmente, definem arte e cultura como sistemas modelizadores secundários, concordando com a idéia de Lotman de que todo sistema semiótico é construído sobre o modelo de linguagem.

#### 4.8 Conotação, metalinguagem, mitologia e ideologia.

Propagador da teoria de Saussure, Roland Barthes contribui proficuamente no âmbito da semiótica visual (arquitetura, imagem, pintura, cinema, publicidade), assim como na semiótica da medicina. Mas a trajetória dos estudos barthianos é ampla. A pesquisa semiótica atingiu seu auge com o *Fashion System* (sistema da moda), após o que o estudioso retornou à ensaística sobre poesia, literatura e cultura.

O conceito hjelmsleviano de *conotação* é a chave para a análise semiótica da cultura desenvolvida por Barthes. Numa versão simplificada da glossemática, Barthes definiu o signo como *um sistema constituído por uma expressão ( $E = \text{significante}$ ), em relação ( $R$ ) com um conteúdo ( $C = \text{significado}$ ): ERC*. Nesta linha de raciocínio, seu sistema sónico se explica como: se a extensão é de conteúdo, o signo primário ( $E_1 R_1 C_1$ ) gera a expressão de um sistema sónico secundário:  $E_2 (= (E_1 R_1 C_1) R_2 C_2)$ . O signo primário, segundo o autor é o *denotativo*; enquanto o segundo é uma *conotação semiótica* (Barthes, 1964, 89). Com este raciocínio, Barthes discutiu a questão da extensão dos significados como um primeiro nível do sistema sónico, que se expande com a adição de nova expressão. Assim ele explicita a *função metalingüística*, em que o signo primário seria a linguagem-objeto sobre a qual se discorre por meio da metalinguagem, linguagem que fala da própria linguagem. As terminologias científicas são exemplos de metalinguagem. Registra-se um equívoco na leitura de Barthes sobre *conotação* e *metalinguagem* em relação aos postulados de Hjelmslev, uma vez que ambas constituem signos secundários: a primeira, em relação à expressão; a segunda, em relação ao conteúdo (v. Mounin, 1970: 193).

Em suas considerações sobre mitologia e ideologia, Roland Barthes atribui aos meios de comunicação de massa a criação de mitologias e ideologias como sistemas secundários de signos conotados com vistas a dar a suas mensagens a aparência de fundações originais, como se fosse um sistema primário de denotados. Para ele, o nível denotativo expressa significados naturais; e o nível conotativo, conceitos secundários. Mais

tarde, Barthes refuta a idéia de uma denotação como signo primeiro, significado original, inocente, natural, e a reapresenta como ilusão denotativa resultante de um processo de conotação em última instância.

Barthes também constrói programas de pesquisa sistemática em semióticas não-lingüísticas, lançando mão de métodos da lingüística estrutural - como análise distribucional e testes de comutação – para identificar traços distintivos e pertinentes em sistemas formais.

Barthes reforçou a tomada da lingüística como ciência contingente (em detrimento da semiótica; semiologia para ele). Com base na tese de que os fenômenos semióticos não-lingüísticos dependem fundamentalmente da linguagem, concluiu que a lingüística não é uma parte da ciência geral dos signos, mas uma privilegiada parte, é a semiologia que é uma parte da lingüística (Barthes, 1964, 11). Esta é a tese mais radical em relação à proposta de Saussure da lingüística como um ramo da semiologia.

Retomamos aqui a idéia de que o signo verbal é apenas um tipo sîgnico do qual se ocupa a lingüística. Logo, se existe uma ciência geral dos signos, estaria aquela contida nesta indiscutivelmente. Além disso, é possível recuperar ainda a questão acerca de semiótica e semiologia. A primeira, já definida como ciência geral dos signos e da semiose, exploraria todo sistema sîgnico e suas conseqüências significacionais; enquanto a segunda, desde sua fundação, vem-se ocupando da análise discursivo-textual, analisando as tramas enunciativas segundo modelos estruturais predeterminados. A ênfase nestas delimitações tem uma preocupação eminentemente didática, uma vez que já nos enquadrámos como uma estudiosa da semiótica com finalidade metodológica. Por isso, vamos e voltamos à esfera das definições de âmbito, para auxiliar os leitores iniciantes (mais que nós, pelo menos) na construção de suas sínteses teóricas.

## **5 | A URGÊNCIA SEMIÓTICA NA REFLEXÃO CIENTÍFICA CONTEMPORÂNEA**

Considerado o breve rastreamento da formação da ciência semiótica, de seus compassos e descompassos em função das perspectivas adotadas pelos estudiosos que dela vêm-se ocupando ao longo dos tempos, percebemos uma urgência na assunção de, pelo menos, uma atitude semiótica por parte dos pesquisadores. A reestruturação sociopolítica das nações em seu projeto de globalização, a nosso ver, impõe um olhar mais abrangente sobre os fatos e fenômenos. Disto decorre a rediscussão das noções de signo e significação (semiose) com vistas a uma análise de fato pluridimensional dos problemas atuais.

O que se entende como signo no século XXI? A idéia de que algo que está em lugar de alguma coisa e que representa algo para alguém ainda dá conta da definição de signo? A evolução da mera condição de sinal ao estatuto de signo já se faz legível? A trajetória cognitiva projetada sobre as construções sîgnicas já se faz inteligível? Na produção da significação (processo semiótico), o observador já consegue compreender os graus

de complexidade que separam o ícone puro e o hipoícone (ícone de segunda ou ícone degenerado)? Já é aceitável incluírem-se ícones e símbolos no nível das referências, e os índices no das inferências e ilações? Estas e outras indagações parecem-nos provocar um reexame das relações entre signos e tipificações, entre signos e objetos, entre significações originárias e significações conseqüentes.

Nesta perspectiva inquisitorial, verifica-se que, a despeito da antigüidade da tradição semiótica, as conclusões obtidas ainda se mostram em estado incipiente. No entanto, esta incipiência se nos mostra profícua, uma vez que abre portas para uma especulação infinita bem nos moldes da proposta semiótica de Peirce. Segundo Büttner (1999: 6-7), “três grandes necessidades da humanidade, que englobam muitas outras, são apresentadas como prioritárias: a responsabilidade, confiança e solidariedade na sociedade; a constituição da paz universal e a globalização holística”. Isso requer uma educação eficiente e uma ressignificação das práticas sociais, sobretudo no âmbito das pesquisas científicas. É mister que a comunidade de investigação se reorganize como elemento gerador duma educação holística, orientada pelo pensar inteligente.

## 6 I UMA CONTRIBUIÇÃO NO ÂMBITO DA SEMIÓTICA VERBAL

Sob a liderança de *Darcília Simões* (Doutora em Letras Vernáculas – UFRJ, 1994) e *Nícia Ribas d’Ávila* (Doutora em Ciências da Linguagem – Semiótica - U.P. III, Paris, França, 1987), foi criado com o nome de *Semiótica, Leitura e Produção de Textos* – doravante identificado como SELEPROT – durante o Censo 2002 do Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil do CNPq e pautou-se nas seguintes premissas: a) a importância dos estudos semióticos na atualidade e b) a relevância dada aos estudos semióticos nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o que implica a especialização de profissionais no âmbito das linguagens em geral e incita o desenvolvimento de pesquisas relacionadas às Letras, em especial.

Em contraponto, a inclusão de subsídios semióticos nos currículos escolares e de disciplinas de semiótica nos cursos de graduação documenta a necessidade de preparação de recursos humanos especializados em estudos semióticos. Isto também se justifica pela necessidade de inserção de modelos de análise semiótica (sincrética ou não) nos espaços de leitura e produção textual (verbais e não-verbais). A hipótese de que o mundo é um construto semiótico e de que tudo que nos rodeia é convolável em signo, portanto, sujeito a semioses múltiplas ou mesmo infinitas (Peirce, Nöth, Santaella, Plaza, Simões, etc.) impõe não só o aprofundamento teórico para suporte das interpretações científicas produzidas pelos especialistas, mas também a preparação de leitores capazes de interpretações mais profundas dos textos-objeto que se lhes apresentem, para que se tornem leitores críticos não somente sujeitos à absorção da opinião “predominante no mercado da instrução e da informação” (destacando-se a escola e a mídia). Além disso, é necessário realçar que os

leitores semióticos (cf. Eco, Simões, etc.) desenvolverão, por consequência, habilidades de produção textual, que poderão influir no cenário sociocultural atual, promovendo a discussão do sistema e o aperfeiçoamento deste em prol de melhores dias para a sociedade.

Nesta perspectiva, vimos discutindo a legibilidade textual segundo a natureza do texto e as marcas expressivas (icônicas) e impressivas (indiciais) manifestas, sobretudo na seleção das imagens oriundas da combinação de signos verbais e não-verbais. Aliamos assim os estudos lingüísticos aos semióticos tomando o texto verbal como signo visual, por apresentar características correlatas às detectáveis nos textos ditos não-verbais.

No âmbito lingüístico, as unidades lexicais tomadas como objeto de uma investigação relativa à forma e ao conteúdo fazem emergir valores de natureza semiótica e semântica. Esta vai cuidar das significações construídas e correntes no universo de um sistema lingüístico; aquela vai tratar do processo de produção de sentido a partir da análise das funções-valores que os signos eleitos pelo produtor do texto adquirem na trama textual. A função lexicológico-semiótica faz das *palavras* (signos atualizados em contextos frasais) *signos evocadores de imagens*, impregna-as de conceitos (emergentes da cultura em que se inserem) por meio dos quais o redator tenta estimular a imaginação do leitor. A mente interpretadora se tornará tanto mais capaz de produzir imagens sob o estímulo do texto quanto mais icônicos ou indiciais sejam os signos com que seja tecido o texto, pois, a *semiose* é um processo de produção de significados. O *sentido* é a resultante da interpretação de um significado emergente da estrutura textual e contextual de que participa, e o leitor (ou intérprete) procura desvelar um sentido que estabeleça a comunicação entre ele (leitor, coautor) e o autor primeiro do texto.

O projeto do grupo SELEPROT visa a enriquecer as teorias semióticas, ampliando-lhes a aplicação nas áreas de Lingüística, Letras, Artes e Comunicação, privilegiando seu potencial teórico na formulação de uma moldura metodológica que subsidie o ensino das línguas e o processo de produção de textos e da leitura (de textos verbais e não-verbais). Composto de doutores e mestres em Letras, Lingüística, Comunicação, Música, Semiótica, Teatro, etc., o grupo tende a desenvolver projetos inter- e transdisciplinares plenamente ajustados às demandas contemporâneas. Explorando a potencialidade de aplicação da semiótica no âmbito da produção de textos (verbais e não-verbais), nossas pesquisas tendem a entrecruzar semiótica, análise do discurso, lingüística textual, artes plásticas, música, cinema, teatro, pintura (e outras linguagens) com vistas a analisar e tentar explicitar o processo de produção do sentido, apontando as especificidades de cada código e suas relações com os espaços mentais ativados durante as atividades de produção textual e de leitura, com vistas a ampliar o domínio lingüístico dos sujeitos viabilizando-lhes a apropriação do código privilegiado nas sociedades letradas: o verbal escrito (maiores detalhes em Simões, 2004).

## 7 | COMO SE FOSSE POSSÍVEL CONCLUIR...

É angustiante a sensação de tentar encerrar um estudo sobre tema rico e por isso polêmico como o que ora abraçamos para dele falar. Os portais da semiótica são, antes de tudo, mítico-lendários, se observados como parte da história do conhecimento humano. Embebidos em fundamentos filosóficos, os estudiosos debatem-se sob as ondas da investigação num modelo *quo vadis* e agarram-se às ilusões de descoberta que se anunciam nos oásis que se afiguram nos desertos de suas buscas.

Essa metáfora não é uma produção ocasional, mas uma ilusão referencial hipotética para o estado em que nos encontramos ao tentar concluir este texto. Há tanto sobre o que falar! Há tanto para discutir! No entanto, as ilusões não podem apoderar-se de nossa razão e levar-nos a lugares de um pretensão dizer completo. Começamos, então, a despegar-nos da ilusão e retomar a consciência da sempre limitação do saber e do dizer e recuperar o compromisso da provocação, da apresentação de idéias e conclusões provisórias, parciais, imperfeitas, discutíveis, etc., mas que podem estimular a busca e a polêmica saudável que faz avançarem as descobertas e as invenções.

Com a clareza de nossa pequena leitura sobre o tema (começamos nossos estudos na área em 1988), queremos crer ter podido reunir dados que viabilizem a construção de uma imagem (ainda que deformada, é claro!) do processo de desenvolvimento e afirmação da *semiótica como uma ciência especulativa do processo de conhecer, representar e significar*. Mantemos nossa posição acerca de uma semiótica voltada para a cognição, ocupada com a produção sógnica e com a semiose ilimitada, sem distinguir hierarquias tipológicas, senão orientando a interpretação dos signos nos processos de interação donde emergem seus valores e funções imediatas, a partir dos quais a autogeração sógnica se projeta ao infinito.

Pensamos com Peirce que apresenta o pensamento como um sistema de idéias cuja única função é a produção da crença. A unidade do sistema reside na sua função. A função do pensamento é unicamente a de produzir a crença. A crença, por seu lado, é o apaziguamento da dúvida. Mas, ao sossegar a irritação da dúvida, a crença implica a determinação na nossa natureza de uma regra de ação, ou, numa palavra, de um hábito. Quer isto dizer que com a crença acaba a hesitação de como agirmos ou procedermos. Logo, urge re-significarmos nossas crenças.

Por isso, entendemos que a semiótica se impõe como o grande enquadre científico-epistemológico do terceiro milênio, por meio do qual parece-nos possível buscar o entendimento das mudanças e das necessárias e conseqüentes compatibilizações entre o dado e o novo, em prol de uma convivência harmoniosa entre os seres e coisas que compõem o ecossistema em que estamos envolvidos.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Elements of semiology**, London: Cape, (1964),

\_\_\_\_\_. **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 1987.

BÜTTNER, Peter. **Mutação no Educar**: uma questão de sobrevivência e da globalização de vida plena – o óbvio não compreendido. Cuiabá: EdUFMT, 1999.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história**. Rio de Janeiro: Presença/ São Paulo: USP, 1979.

DUCROT, Oswald . **Provar e Dizer**. São Paulo: Global Universitária, 1981.

ECO, Umberto. "History and historiography of semiotics". 1. Teilband, edited by Roland Posner, Klaus Robering and Thomas A. Sebeok, Berlin • New York: De Gruyter Mouton, 2008, pp. 730-746.

EDLOW, Robert Blair. **Galen on Language and Ambiguity**, Leiden: E.J.Brill, 1977.

FIDALGO, António. "Da semiótica e seu objecto". In **Comunicação e Sociedade 2**, Cadernos do Noroeste, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 1999. <http://bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-objecto-da-semiotica.html>

\_\_\_\_\_. **Manual de semiótica**. UBI – PORTUGAL - [www.ubi.pt](http://www.ubi.pt) - 2003/2004

\_\_\_\_\_. **Semiótica: A Lógica da Comunicação**, Covilhã: Universidade da Beira Interior, 1998.

GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. **Semiotics and language**. Bloomington: Indiana University Press, 1979.

\_\_\_\_\_. **Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage**, Paris: Hachette, 1979.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. edição brasileira. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

HUBIG, Christoph. "Die Zeichentheorie Johann Heinrich Lamberts: Semiotik als philosophische Propädeutik" in **Zeitschrift für Semiotik** 2, 1979

JAKOBSON, Roman. **On Language**, Cambridge: Harvard University Press, 1990.

LOCKE, John: **Ensayo Sobre el Entendimiento Humano** (1690), trad. por Edmundo O'Gorman, México, F.C.E., 1956, fragmentos.

MACHADO, Irene. "Comunicação, um problema semiótico?" In **Ciberlegenda**, Nº 5, 2001. <http://www.uff.br/mestcii/irene1.htm>

MERREL, Floyd. **Introducción a la semiótica de C. S. Peirce**. Maracaibo: Universidad de Zulia, 1998.

MORRIS, Charles. **Writings on the General Theory of Signs**, The Hague: Mouton, 1971.

MOUNIN, Georges. **Introduction à la semiologie**. Paris: Minit, 1970.

NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica**. *De Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume, 1995.

\_\_\_\_\_. **Handbooks of semiotics**. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1995.

OEHLER, Klaus. "An Outline of Peirce's Semiotics" in Martin Krampen, org., **Classics of Semiotics**, New York: Plenum Press, 1987.

PEIRCE, Charles Sanders. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**, Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2932-2935, 2.545-567. [CP]

PELLIZER, Ezio, "Sign Conceptions in pre-classical Greece" in **Posner**, org., 1997.

PERELMAN, C. **O Império Retórico**. Lisboa: Asa, 1993.

PLAZA, Julio. "**Estética e Semiótica das Artes**" (apontamentos), Instituto de Artes, Unicamp, 1998.

SANTAELLA, Lucia. "Conferência de abertura" do *V Congresso Brasileiro de Semiótica* (Faculdade Belas Artes em São Paulo - SP – set/2002). In <http://www.geocities.com/absbsemiótica/vcongresso.htm>

SANTAELLA, Lucia.. **A teoria geral dos signos**. *Semiose e autogeração*. SP: Ática 1995

SIMÕES, Darcília. "Semiótica, leitura e produção de textos: Alternativas Metodológicas". In **Caderno Seminal digital**, Ano 11, nº 2, V. 1. [Jul-Dez-2004]

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986. (CLG)

SEBEEK, Thomas A. "Symptome, systematisch und historisch" in **Zeitschrift für Semiotik** 6/2-2, 1984.

\_\_\_\_\_. **Contributions to the Doctrine of Signs**, Bloomington: Indiana University Press, 1976.

TRABANT, Jürgen, "Monumentalische, kritische und antiquarische Historie der Semiotik" in **Zeitschrift für Semiotik** 3/2, 1982.

TOMÁS, João de São. **Tratado dos Signos**, tradução, introdução e notas de Anabela Gradim Alves, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001.

WALTHER, Elisabeth. **Allgemeine Zeichenlehre**. *Einführung in die Grundlagen der Semiotik*, Stuttgart, 1974.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alteridade 9, 11, 65, 73, 80, 81, 82, 84

Análise musical 9, 11, 45, 46, 51, 58

Arte 9, 11, 1, 2, 3, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 100, 104, 105, 125

Arte Brasileira 1

Arte Contemporânea 44, 65

### B

*Brasilianas IV e V* 9, 11, 45, 46, 58

### C

Conceito de arte 10, 11

Conto de mistério 156, 157, 159, 160, 166, 167

### D

Deslocamento 11, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 41, 42, 43, 61

Dificuldades 132, 133, 134, 135, 137, 138, 139, 160, 198, 202

Discurso 24, 25, 26, 62, 63, 77, 78, 87, 103, 106, 122, 123, 128, 134, 136, 142, 143, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 179, 181, 182, 183, 206

### E

Ensino-aprendizagem 11, 85, 137, 143, 186

Ensino tradicional 184, 185, 190, 196, 197, 208

Estágio Supervisionado 170, 172, 179, 180, 182

Estética da existência 59, 60, 61, 62, 70

### F

Formação de leitores 156

Foucault 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 175, 182

Fundadores 63, 107, 119

### G

Gramática Descritiva 85, 90, 91, 92, 97

Gramática Internalizada 85, 94

Gramática Normativa 9, 85, 86, 96

Gramaticografia 98, 105

Grécia Antiga 11, 29, 35, 36, 39, 41, 42, 43

## H

Historiografia Linguística 11, 98, 105, 106

Humanização 12, 145, 146, 152, 153, 154, 168

## I

Identidade 9, 11, 5, 67, 73, 75, 81, 82, 83, 84, 153, 154, 160

Interpretação Musical 45

## L

Leitura 10, 12, 35, 38, 43, 53, 80, 91, 108, 109, 122, 125, 127, 128, 129, 131, 137, 144, 145, 146, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 197

Leitura Literária 12, 156, 167

Letramento 12, 99, 132, 133, 135, 144, 169, 175, 176, 184, 185, 186, 187, 189, 195, 197, 199, 202, 204, 205, 206, 208, 209, 210

Letramento Acadêmico 132, 133, 135

Língua Portuguesa 11, 85, 94, 96, 98, 99, 103, 104, 105, 136, 138, 156, 161, 167, 168, 170, 172, 179, 180, 181, 209

Línguas Clássicas 98

Literatura 9, 15, 28, 30, 60, 63, 64, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 83, 93, 107, 124, 125, 139, 145, 146, 152, 153, 154, 155, 156, 168, 169, 170, 179, 180, 209, 210

Literatura feminina 73, 77

Lygia Clark 9, 11, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9

## M

Matemática 10, 12, 1, 4, 125, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208, 209

Mobilidade Artística 29, 32

## P

*Parresía* Cínica 9, 11, 59, 60, 61, 66, 69, 70

Pensamento Platônico 10, 11

Possibilidades 4, 5, 61, 63, 66, 87, 132, 133, 139, 157, 158, 159, 168, 171, 174

Prática de ensino 94, 132, 140, 170, 172, 181

Produção textual 9, 12, 127, 128, 132, 133, 134, 135, 138, 140, 141, 143, 144, 156, 160,

161, 166, 167, 180, 181

## **R**

Residência Artística 29, 32, 33, 35, 41, 44

## **S**

Semiótica 9, 78, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 184, 192, 193, 194, 195, 210

Sociossemiótica 12, 84, 184, 186, 187, 193, 194, 195, 196, 197, 208

## **T**

Teorias 9, 12, 93, 95, 107, 121, 123, 128, 136, 190, 194, 197, 205, 208, 210

## **V**

Violência 12, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154

# Linguística, letras e artes:

Limitações e limites

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# Linguística, letras e artes:

Limitações e limites

- 🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
- ✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
- 📷 @atenaeditora
- 📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)